



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FILIPE BUBA N'HADA

**BRASA/BALANTA: UMA SOCIEDADE
HORIZONTAL/ACÉFALA?**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

FILIPPE BUBA N'HADA

**BRASA/BALANTA: UMA SOCIEDADE
HORIZONTAL/ACÉFALA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Santos Souza.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

FILIPPE BUBA N'HADA

**BRASA/BALANTA: UMA SOCIEDADE
HORIZONTAL/ACÉFALA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 06 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cristiane Santos Souza (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo (Co-orientador e examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert (Examinador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Tudo que somos até certa medida, tudo que podemos e todas as vivas que gritamos são resultados do empenho de todos os que cruzaram o nosso caminho, que esbanjaram os seus preciosos tempos para nos deixar importantes. Agradecer aos que nos geraram e cuidaram de nós não é só lembrar-se dos puxões das orelhas, mas também dar valor a vida em todas as viradas.

Nesta virada, gostaria com todo respeito de agradecer aos meus pais que deram os seus sonhos em prol dos meus, que muitas se entregaram ao sofrimento para me fazer sentir feliz, que de vez em quando ficaram com fome para me ver saciado. Agradeço do bom agrado a minha mãe, mesmo sabendo que não está mais presente para me ver realizando tudo que eu queria. Agradeço a ela por aquelas vezes que me dizia: vais ser tudo que você quer ser, é só se dedicar, todos são o que são hoje porque se dedicaram. E o meu pai por toda a certeza e a firmeza que ele me dá sempre, que eu achar que vou conseguir mais. Ainda espero lhe agradecer pelo andamento desse trabalho.

Agradeço muito pelo projeto Unilab, e todos os seus funcionários, começando pelos seus venerados faxineiros, técnicos até os seus adorados professores e professoras e diretoras e diretores em especial.

Aos que participaram diretamente e indiretamente na elaboração desse projeto, começando pela minha magnífica orientadora Prof. Dra. Cristiane Santos Souza e o meu magnífico co-orientador Prof. Dr. Fábio Baqueiro Figueiredo e ao professor Prof. Dr. Gerhard Seibert que foi uma das primeiras pessoas que me disse “é interessante esse seu trabalho”. Não parar de agradecer que dez do início estão com toda paciência trocando mensagem comigo no facebook e nas outras redes sociais.

Agradeço de todo o coração à Piquinina Oliveira que dedicou o seu tempo em me mostrar os contrapontos entre a cultura Balanta e Mancanha e ao meu amigo Xavier que por ora discute o meu trabalho comigo.

Por fim, com a paz deste mundo, entrego os meus agradecimentos a todos os que contrariaram, os que me disseram discordo de você, até mesmo os que me disseram não vale apenas continuar com esse trabalho, de certa forma me ajudaram muito em encontrar equilíbrio e seguir em frente.

Não posso deixar de agradecer ao povo de São Francisco do Conde, em particular os fisioterapeutas que além de currar o meu antebraço, curram também o meu espírito.

Tiraram-me aquela vontade de querer voltar para casa depois do meu acidente de carro.

Agradeço antecipadamente a minha banca julgadora.

Existimos porque temos um nome, ou seja, somos porque os outros estão. E o que faz da diferença indiferente é ser o que você é. E isso não só te faz um ser diferente, como também te mantém ativo e vivo no seu próprio Ser.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TEMA	9
2.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA	9
3	OBJETIVOS	10
3.1	OBJETIVO GERAL	10
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4	JUSTIFICATIVA	10
5	PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
6	METODOLOGIA	15
7	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Como toda fala tem um dono e todo o dono pertence a uma família, uma casa e uma nação, então o povo Balanta não está fora desses parâmetros. Antes de falar desse povo gostaria em primeiro lugar de falar do espaço, ou seja, do país (Guiné-Bissau) onde a maior parte desse povo se encontra.

A Guiné-Bissau é um pequeno país da África Ocidental, situado entre as Repúblicas do Senegal a norte e da Guiné a sul. O País alcançou a sua Independência em setembro de 1973, depois de muitos ¹anos de dominação colonial portuguesa, mediante uma luta armada de Libertação Nacional que durou mais de onze anos.

Administrativamente, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões - Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau (SAB). As regiões são dirigidas pelos Governadores Regionais, sob tutela do Ministério da Administração Territorial. A Guiné-Bissau conta com um número da população que corresponde a 1.442.227 habitantes, entre os quais 48,4% dos homens e 51,6% das mulheres. A maioria da população guineense pratica a religião muçulmana (45,1%) e mais de 50% consideram o seu dialeto como principal dialeto falado. O crioulo é língua mais falada pela população de nacionalidade guineense (90,4%). A população que fala o português corresponde a 27,1%. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento geral da população e habitação 2008. Bissau, 2009).

Uma boa parte da população guineense trabalha e vive da agricultura, criação de animais e da pescaria (29,1%); 33,1% são trabalhadores não qualificados e apenas 0,3% são membros do poder executivo.

Observa-se do mesmo que existe uma pequena parte da população com nacionalidade guineense que não pertence a nenhuma etnia ²(2,2%). Os Fulas correspondem à

¹ Muitos anos de dominação portuguesa, referindo o início das chamadas Campanhas de «pacificação», que segundo SILVA e SANTOS teve o seu início Entre 1882-1936. Por que partimos nas campanhas? É por que foram nelas que “As forças portuguesas organizaram numerosas campanhas de índole militar, o objetivo de todas elas foi o de ocuparem efetivamente todo o território guineense; mediante a submissão das populações locais e a cobrança do imposto de palhota”. Os mesmos autores afirmam que “a província da Guiné deu-se como verdadeiramente pacificada depois da submissão do régulo de Canhabaque, dos Bijagós, em 1936”. (SILVA e SANTOS, 2014, p. 31).

² Esta parcela da população de 2,2% são os que não se auto-identificam com nenhuma etnia (sem esquecer que a categoria etnia é questionada): Destaco aqui o grupo chamado Cristões de Geba (segundo alguns relatos, eram pessoas banidas das suas comunidades de origem, por motivos da ordem místicos, e foram recebidos pelos padres residentes em Geba, que por isso foram denominados de Cristões de Geba. (São todos originais de certo grupo, que atualmente chamamos de etnias), é um grupo que no seu primórdio pode ser vista como as irmandades católicas. Atualmente nem todos os chamados *Kriston di djiba*, se encontra em Geba, nem todos são cristão, mas o nome *Kriston di djiba* ficou; Os mestiços descendentes dos antigos funcionários da colônia portuguesa que não eram guineenses. Como no caso de um Médico da nacionalidade santomense, que foi para Guiné-Bissau no meado do 1900 e depois acabou pegar a mesma doença, que não o deixou com vida, e filho foi lá para buscar os seus utensílios e nunca mais voltou para São Tomé e Príncipe. Na conversa com o filho dele eis oque me disse: ‘Anônimo’ “Olha o meu pai era de São Tomé e foi pra Bissau nos anos 30 ou início dos 40. A minha mãe nasceu na Guiné,

etnia com maior expressão no país (28,5%). Seguem-se os Balantas (22,5%) e Mandingas com 14,7%. A população pertencente à etnia Papel corresponde a 9,1%, e a pertencente à etnia Manjaco corresponde a 8,3%. As pessoas pertencentes às etnias Nalu, Saracole e Sosso correspondem a proporções abaixo de 1%.

Dentro do povo ³Balanta podemos detectar seis (6) grupos⁴ diferentes, que são: Balanta de Quintoé, Balanta N'hacra (BU-UNGE, DE AVE MIGRATÓRIA, UNGE), Balanta Patche, Balanta Naga, Balanta Mané e Balanta Damé. (SIGA, Fernando, 2015, p. 23)

2 TEMA

Organização Social Brasa/Balanta.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A literatura atual que se reporta a organização social dos Balantas, na Guiné-Bissau, definem, via de regra, a organização social deste grupo como sendo horizontal e acéfalo. Estas seriam características que manteriam a sociedade Balanta e garante a o controle e superação dos conflitos. Neste projeto pretendo investigar como foram construídas e atribuídas aos Balantas estas classificações. Conforme, observações e assentada numa literatura crítica em torno das classificações colônias, estas categorias não caracterizam as organizações e a dinâmica social Balanta. Nesta perspectiva, a investigação se direciona no sentido de compreender qual a finalidade dessas características.

filha de pai oriundo de Cabo Verde e de mãe descendente de caboverdianos, fulas e pepel”). Alguns estrangeiros que por algum motivo decidiram se radicar em Guiné-Bissau, nas estatísticas são contadas como grupo sem etnia.

³ Os Balantas também compõem os grupos étnicos existentes no Senegal e Gambia, além da Guiné-Bissau. A maior parte da população Balanta vive no território da Guiné-Bissau. Não conseguimos achar os textos históricos que relatam a presença dos BRASA nesses lugares, mas, já convive com algumas Balantas de Guiné-Conacri fato pelo qual da dão margens possível dedução. Segundo CAMMILLERI (2010, p. 23) os grupos que hoje chamamos de etnias na Guiné-Bissau, “é resultado de um movimento migratório que a partir do interior da África, deslocou-se cada vez mais para o Ocidente até chegar à costa”. FERNANDO SIGA (2015, p. 23), sustentou esse facto, quando disse que os “o povo BALANTA/BRASSA, chegou à Guiné Bissau pela emigração vinda do Egito, Etiópia e Sudão, entre os séculos X e XIV, espalhando-se pelo território durante o século XIX”. Houve os que disseram que é por causa da pacificação, forte perseguição da parte dos colonizadores e por causa guerra a os que retiraram para esses países vizinhos, depois outros voltaram e outros ficaram.

⁴ Estes grupos, segundo Cammilleri, “estão constituídos na base de uma organização segmentada em grupos domésticos ou famílias e por fim num terceiro nível, em clãs”. (CAMMILLERI, 2010, p 33)

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Problematizar os termos: horizontal e acéfala, atribuídas a sociedade BALANTA, bem como discutir a forma como essa sociedade está organizada, porque estão, e preferem se organizar desse jeito.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ❖ Identificar os reais motivos dessas designações (horizontal e acéfala), olhando os momentos e as falas que proferiram essas designações a sociedade BALANTA;
- ❖ Discutir o peso dessas designações, no seio dessa sociedade;
- ❖ Estudar a organização social desse povo, através dos princípios que a regem;
- ❖ Discutir a origem, significado e o motivo do nome BALANTA (aqueles que resistem?);
- ❖ Suscitar uma nova forma de discutir as sociedades guineenses, partindo de uma visão interna;

4 JUSTIFICATIVA

Quando crianças, somos criados, ninados e engados. Quando já crescido, automaticamente perdemos o privilégio de ser criados e ninados, mas de ser engados, não. A forma como isso se dá depois, se transforma, em consonância com a nossa transformação. Quando conhecemos e aprendemos quem somos fora, o nosso SER é fora. E quando o nosso SER é fora, somos “muito embora”!

Quando comecei a entender a vida, sempre soube que nas aldeias dos BALANTAS, tem uma a autoridade de bota semente na terra primeiro que os outros, quem media a qualquer cerimônia na aldeia. Por outro lado, ouvia também de que o povo BALANTA não tinha chefe. Sempre pensei que este Ser que diferenciado dos outros que chefe, mas com uma característica diferente a dos outros chefes.

Uma vez fiz uma viagem com um amigo, à vila onde a família dele residia. Quando chegamos lá, ouvi que tinha um régulo naquela vila, indaguei o meu amigo: mas cresci

ouvindo de que os BALANTAS não têm os régulos. Pelo que eu saiba esta é uma vila majoritariamente Balanta. Perguntei a ele, de que grupo étnico era o tal régulo, ele me disse que era da etnia Balanta. Ele ainda me disse que se toda a etnia tem um régulo,⁵ porque não os Balantas também. Fiquei calado para não perder o amigo. Um tempo depois aconteceu uma sena naquela vila que me deixou muito revoltado. E a justificativa que ouvi, sobre aquela cena, em todo caso, tinha certa lógica com o perfil de um dito régulo. Pensei assim comigo, era melhor como era antes, sem chefe como muitos dizem, que a sociedade Balanta não tem chefe.

Pois quando cheguei à UNILAB (Universidade da Integração Internacional Lusófona afro-brasileira), na aula com um professor, o ouvi dizer que a sociedade Balanta da Guiné-Bissau, é conhecida como uma sociedade acéfala, como também a sociedade dos Ibos na Nigéria. Isso me deixou, muito curioso e inquieto. Depois das aulas como sempre faço, fui direto ao mesmo professor perguntei a ele o significado da palavra acéfala e o porquê que o povo Balanta era acéfalo. Ele me disse que na sociedade Balanta, não há um chefe, um representante, mas sim, vários representantes. Ainda me disse que só tem nessa o conselho de anciões, que são os mais velhos que foram ao *fanado*.⁶ E quando cheguei em casa fui logo para o dicionário pesquisar a palavra acéfala, o que encontrei não gostei.

E foi numa aula com o outro professor, também falando das sociedades guineenses, que disse que as sociedades guineenses eram organizadas de duas formas diferentes, vertical e horizontal. Na fala dele afirmou que a sociedade Balanta é horizontal. Depois que saímos da sala, fui a ele e pedi explicação sobre aquele assunto. E a explicação era a mesma do outro professor. Mas só que esse outro professor já me deu a fonte, onde saiu esse discurso. Foi muito difícil para mim entender como é uma sociedade sem chefe, mesmo que tenha um conselho, sabendo que até as abelhas tem um chefe (uma rainha), e os formigueiros também.

Caí sobre mim e disse, então achei o tema do trabalho de conclusão de curso. Que é de procurar saber, como é definida uma sociedade Horizontal/Acéfala,⁷ e o que é que o mantém como sociedade. Se for só esse conselho, ou dentro do conselho tem um

⁵Régulo - segunda a tradição de algumas etnias presentes em Guiné-Bissau, é um nome dado àquelas pessoas que Deus encarregou de gerir a terra que pertence a todos.

⁶FOO em Brasa, em crioulo *fanado* – que é a Passagem da fase da juventude para a fase adulta. Adulta no sentido de que a pessoa que fez essa passagem já pode fazer parte do conselho decisivo, que decide o futuro da aldeia. Antigamente era 35 a 60 anos de idade que a pessoa precisava ter para poder passar para esta fase, atualmente até as pessoas de 15 anos de idade passa, dependendo da família da situação em que essa pessoa se encontra.

⁷ As sociedades ditas **HORIZONTAIS** são caracterizadas de sociedades lineares e sem chefe. Segundo MARX E ENGELS (2011, P. 7) “uma sociedade sem classes, uma sociedade na qual todos os cidadãos sejam realmente iguais e as relações de dominação brilhem por sua ausência”.

representante, quem guia o conselho? E se tem como é escolhido esse representante, por que, para quê é escolhido?

5 PROBLEMATIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aqui estou falando de quem e do quê eu poderia ser se não fosse o resultado do amanhecer (o destino), falando da sociedade que para SIGA (2015, p. 23) é horizontal: “diferencial de todos os outros grupos restantes da Guiné-Bissau. Em que todas as decisões saem dum conselho dos anciões, não existindo um chefe, ou seja, um régulo que vai comandar a aldeia”. Aqui estou tentando entender por que é que naquela vez que fui acompanhar o meu amigo a sua aldeia eu era visto como um filho e tratado como estrangeiro por causa da cultura. Chegamos à *tabanca* (aldeia) do meu amigo umas cinco horas da tarde. Só estavam lá, as galinhas e outros animais domésticos, *unde djintis* (“onde estão as pessoas”), *na bulanha* (“no Arrozal”). O amigo me disse que naquela época todas as pessoas sãs, iam para o trabalho no arrozal. Depois que chegou a escuridão, os reis pela natureza os galos, deixaram os seus postos para as pessoas. Indaguei ao meu amigo (que era uns 25 anos mais velho que eu), se era assim todos os dias, ele me disse que é.

Eu estava lá simplesmente como um acompanhante curioso. E o meu amigo tinha ido resolver a vida conjugal dele, e o seu retorno à comunidade onde ele tinha sido acusado de alguns problemas da ordem mística. Depois de eu ter banhado, ele chegou junto mim e disse: “vou com o meu tio e outros *omis garandis*⁸, para reunir em casa do *pustu*,⁹ para resolver a questão da minha mulher que abandonei sete anos, sem querer. “Os pais dela já estão querendo pegar ela de volta”, “*pabia ki ka pudi sedu li na kasa*”? (por quê, que não pode ser aqui em casa?), perguntei, por que eu não queria ficar só, em casa. Ele era o único conhecido meu. E a língua mais falada naquele lugar não era Crioulo e nem Brasa, mas sim, *Mansonca*¹⁰ que é nome da língua e grupo étnico com uma cultura muito próxima, ou seja, 90% idêntica à cultura Brasa, como os Dinkas e os Nuer, (que se encontram na África Oriental) que segundo

⁸Omis garandis (isso é em crioulo da Guiné-Bissau. Em Brasa, ficaria *LAN DAN*) – que quer dizer anciões os que compõem o que Cabral chamou de “Conselho dos velhos da tabanca ou de um conjunto de tabancas”, que segundo ele são os que podem “tomar decisões relativas à vida dessa sociedade” (AMÍLCAR CABRAL, 1984, P. 4, 25), e CAMMILLERI (2010, p. 35) vai nomear-nos, de “concelho dos anciões ou governo supra-família”.

⁹ É um nome dado ao representante da família que povoa primeiro na aldeia tanto do Brasa como dos Mansocas do Sul. Só citei Sul, porque não tenho a informação quanto a norte e leste do país, como eles designam essas pessoas. Mas é um dos objetivos desse trabalho, trazer os pontos comuns e diferente entre povo Brasa, para o bom entendimento do por quê, da categoria horizontal e acéfala.

¹⁰Maior parte das pessoas desse grupo falam Balanta perfeitamente, mas poucos Balantas falam Mansonca. É coisa que eu observei ao longo da convivência com esse grupo no lugar onde a meu pai tinha ponta (roça)

Evans-Pritchard têm uma semelhança cultural, (E.E. Evans-Pritchard, 2013 P. 7. É mais fácil descobrir a diferença entre Brasa e Mansoca, (por exemplo, no sul do país), através da língua, mas em termo da convivência, do costume têm muito em comum.

Revivendo esse acontecimento, acende em mim aquela pergunta que eu não intendo por que é que eu o faço? Como é essa horizontalidade? Se essa sociedade for mesmo horizontal?

Voltando para M'buga, nome da aldeia onde nasceu o meu amigo. Quando ele voltou da reunião ele me disse: não sabes o que perdestes? “As pessoas da sua idade sua idade (da sua fase) queriam te receber da mesma forma que recebem as pessoas da fase deles, ou seja, que tem uma educação tradicional, que passou pelas diferentes etapas da onde você aprende os códigos que te inserem na sociedade Brasa ou Mansonga, mas eu disse a eles, que você não tinha uma cultura igual a nossa”. “Por isso perdi?...” perguntei. “Não... perdeu a carne de galinha e uma *binan'gha*¹¹ (acompanhante)”. Brinquei com ele. “E esse acompanhante é bonita?” “não sei dizer” respondeu ele, sorrindo. “Então não perdi tanto”.

Será que é possível perguntar da diferença entre a democracia e a horizontalidade se a sociedade BRASA for horizontal? Esta pergunta veio da minha dupla convivência. Criado pelo pai com uma cultura tradicional e vivido numa sociedade híbrida, com novo saber, que alguns sociólogos africanos vão chamar de saber africano, que vinha ser resultado da fusão das culturas tradicional africana (guineense), cultura europeia pregada nas escolas e nas igrejas e a cultura árabe, através da religião muçulmana. Que até certa medida esse saber guineense tende a ser mais europeia e islâmica de que saber tradicional. O sociólogo moçambicano ELÍSIO MACAMO (2002, p. 5) afirma que “a particularidade africana, porém, pode ser resultado da complexidade do social”. Segundo Macamo a “complexidade da realidade social africana é feita da relação ambígua que o continente tem com a modernidade”. Um dos objetivos desse trabalho é tentar problematizar essa ambiguidade. Elísio argumenta, que “esta ambiguidade, contudo, não postula uma ciência do social fundamentalmente diferente. Ela exige apenas a maior sensibilidade na utilização de conceitos”. (Macamo, 2002, p. 6).

¹¹ É uma tradição entre os Balantas que o visitante tem que estar acompanhado por uma pessoa do sexo diferente. Para os Mansogas de Sul, essa tradição é aplicada começando de *N'ghaé* (que é fase entre 14-24 anos de idade) para frente, ao passo que para os Braças é só depois de *N'nhes* (que é a fase compreendida entre 24-35) para frente. Isso se aplica entre os dois sexos.

Tentar falar do povo que grifa a sua filosofia e história em nomes comuns, no toque de *bombolom*,¹² na dança de *broksa*, na arte de *karmuça*¹³ e narradas nas cantigas de fanado ou de *kussunde* (GABRIEL SAI, 2016, p. 38-49) nas outras formas culturais, é tentar entender como é a vida nessa sociedade dita acéfala? Sem esquecer de que categoria acéfala não só define um animal sem cabeça ou com cabeça, mas difícil de distinguir do corpo. É usado figuradamente para chamar alguém de burro; sem inteligência; que é ignorante. E isso desperta aquela pergunta que parece ser sem sentido. Pode-se estabelecer uma relação entre palavra Balanta (em Mandinga) e acéfalo (em português)?

Lembrando que antes, o nome Balanta, segundo CAMMILLERI (2010, p. 14) “era já conhecido em toda Senegâmbia com o sentido ainda mais pejorativo: os ferozes e rebeldes”. (Com mais detalhes na aplicação desse projeto).

Segundo CAMMILLERI (2010, p. 14) “nomear é julgar”. O que quer dizer que alguém te dá um que ele quer dependendo da vossa relação. Ou ele te julga muita das vezes baseado no interesse dele, e ele ainda por cima te atribui o nome que devia servir para ele. Por exemplo, alguém que chega à sua casa para tirar tudo de você, até a sua própria casa e não permitiu, ele por seu turno te chama de selvagem, feroz e outro ainda te chama de sem inteligência. Entre vocês quem é selvagem, feroz e sem inteligência? Vamos pensar no caso de Amílcar Cabral, um agrônomo e revolucionário que precisava do exercito para a luta armada, que no livro intitulado, *Arma da Teoria*, onde ele fez uma breve análise a sociedade guineense, afirmou que: a sociedade Balanta era uma sociedade sem uma estratificação social, segundo ele só “Conselhos dos mais velhos da tabanca ou de um conjunto de tabancas”¹⁴ que decidiam o futuro da comunidade. Suponhamos que todas as vezes que ele chegasse às aldeias dos Balanta, falasse com uma pessoa perguntando da responsável da aldeia e essa pessoa por seu lado chamasse esses que ele vai nomear de conselho dos anciões, é normal que ele resume tudo no conselho dos anciões. Mas para um cientista social ou para um etnógrafo será que, não ia se interessar com o que é que motiva esse conselho? Ou quem motivava esse conselho? Como ele os motivava? (CAMMILLERI,

¹² *Bombolom* (conhecido como tambor falante). Que para os Brasa significa mais que isso. Segundo alguns relatos é através dele que os anciões convocam a seção deles, ou para informar os desgostos entre aldeias. (Com mais detalhes na construção da monografia).

¹³ *Karmusa* (gigar) - São movimentos um pouco parecidos com movimentos feitos pelos capoeiristas. A diferença é que eles seguram um facão, na mão para fazer esse movimento. Mas esses movimentos são por uma pessoa só. Ele cerre de um lado para às vezes fica parado e mexe facão como quem esta brigando com alguém. Uma vez quando eu vi alguém fazendo perguntei a uma pessoa que estava ao lado de mim, mas ele me disse que não conhecia aquela história, mas uma ele sabia, de que aquela está a contar uma história.

¹⁴ Sem esquecer que CAMMILLERI (2010, p. 53) nos mostra que não só o conselho dos anciões que decide o futuro da aldeia, mas também das anciãs. Elas organizam as reuniões, onde discutem “um pouco de tuto” inclusive “a discussão sobre as decisões dos anciões, podendo elas divergir dos pontos de vista deles”. Estas mulheres recebem o título de *sade*, que uma das fases da mulher Brasa depois do período de menopausa. Nessa fase ela participa nas discussões políticas da aldeia e responsável pela aliança entre famílias, através de *KPAL*, *BKAL*, *PALN PALM* (em balanta Quintoé) *OU N'NUMA* (em balanta N'hacra) aquilo que muitos vão chamar de casamento.

2010, p. 14, 15) nos oferece dois exemplos interessantes, que podemos usar para tentar como se dá as nomeações, e por que se dá. Ele ilustra que quando um Português, André Álvares de Almada em 1594, chegou ao rio da Guiné com o proposito de buscar pessoas para escravizar, o próprio Álvares afirma que “no rio de S. Domingos existem mais escravos do que noutros locais da Guiné, porque ao longo deste vivem Banhuns, Buramos, Cassangas, Jabundos, Felupos e Balantas” ele chamou todos de escravos, porque o objetivo era pegar as pessoas para escravizar. O próprio Cammilleli, já na pagina a seguir nos traz a análise linguística da categoria “Balanta” dado pelos Mandingas, onde nos disse que:

Em língua “mandinga” exprime-se, ebalanta. Decompondo este vocábulo obtémse: E (eles), - bala (negar), - nta (morfema repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar, a revoltar-se; logo os rebeldes os indomáveis e os refractários. Em seguida o nome “Balanta” no seu sentido negativo foi adoptado por todos os outros povos da Guiné e, por adaptação foi codificado pelos portugueses portadores da escrita. Nos nossos dias os termos “Balanta” e “balanta bravo” podem também ser usados com injúria e desprezo querendo significar: “cativo, atrasado e selvagem”. (CAMMILLERI, 2010, p.15)

Será que as categorias com que é definido um povo, caracteriza o que esse povo é, ou exprime simplesmente o que os outros pensam dele e por que pensa assim dele?

Mesmo assim eu gostaria de saber como é vista uma sociedade dita horizontal/acéfala? Por que é vista desse jeito? Se entregarmos a despeito de que a sociedade dos Brasas é horizontal, e ao mesmo tempo admitimos que existe um grupo dos anciões que detêm o poder, qual seria a definição do poder para essa sociedade? Porque mesmo que o poder for carismático, legal tradicional (WEBER, 2005) e simbólico (BOURDIEU, 1989, p. 7-8), nenhum desse poder ignora a figura de um representante seja lá rei, régulo, presidente, resumidamente um chefe, ou seja, aquela voz que no começo começa, e no fecho das reuniões fecha. Ou se podemos pensar num novo conceito de poder para a sociedade liderado pelos anciões. Estas questões serão nesse projeto.

6 METODOLOGIA

Ao longo desse trabalho pretendo utilizar tanto o método qualitativo quanto o método quantitativo. Com isso realizarei uma revisão de literatura sobre o tema da pesquisa, buscando assim teses, dissertações e fontes documentais que forneçam composição de um

quadro amplo sobre as questões propostas e uma pesquisa de natureza etnográfica, descritiva e exploratória: frequentar os lugares onde pretendo estudar.

Baseado no teste que já fiz, antes de começar esta pesquisa, e sendo o tema um assunto que trata de uma sociedade onde a tradição oral é predominante. Pretende-se trabalhar com este universo da oralidade. Conforme nos lembra J. Vansina (2010, p. 157), “na África ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever”, pois gostaria de ressaltar que atualmente na Guiné-Bissau existem ainda lugares aonde a escrita não chegou. Nesse caso a tradição oral é ainda a única fonte da história nesses locais. E é nesses espaços que pretendo procurar o embasamento para o meu trabalho, através da ajuda dos meus conhecidos que tem uma relação constante com esse pessoal. O que essa tradição oral? Tradição, segundo Vansina, é “testemunho transmitida de uma geração a outra”. E tradição BRASA esse testemunho pode ser passada por meio da música, ou às vezes no relato da origem de um nome, por exemplo, “WINDJABA” e um nome próprio e é uma frase, que significa “o quê que eu vos fiz”. Quando você pergunta o porquê desse nome, quem sabe vai o porquê vai começar: tinha uma vez. Isso é só para ilustrar que atrás de muitos nomes dos Brasa existe uma história.

Farei o levantamento dos dados qualitativos ainda por meio de rede social usufruindo do avanço da tecnologia. Coletarei os dados através da entrevista semiestruturada, porque nela, embora o investigador tenha já preparado uma série de perguntas abre-se sempre possibilidades de formulação de novas questões a partir do relato do entrevistado no decorrer da entrevista, possibilitando assim o acesso às informações além do que se tinha previsto.

Na entrevista semiestruturada, ao mesmo tempo em que se aprecia a presença do entrevistador, ela dá outros aspectos possíveis para que o interlocutor obtenha a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987: 145 a 158).

A entrevista semiestruturada pode ser muito importante para um tema, que tem muita discussão, porque ela permite o estabelecimento de diálogo, de conversa em vez de uma simples entrevista. Pretendo utilizar este tipo de entrevista através de internet (como já mencionei em cima) ou presencial (no caso de possuir o recurso), porque com ela é muito mais provável alcançar dados qualitativos importantes. (VALENTE, Aldine., , 2015 p. 6)

7 CRONOGRAMA

Atividades a serem desenvolvidas por ano / semestre	2018-2019		2019-2020		2020-2021	
	1º Sem.	2º Sem.	3º Sem.	4º Sem.	5º Sem.	6º Sem.
Aulas presenciais						
Seleção de materiais de leitura bibliográfica						
Leitura e Fichamentos da bibliografia.						
Reelaboração do Projeto						
Pesquisa e Coletas de dados						
Sistematização Dos dados						
Análise crítica de Dados						
Construção do texto da Monografia						
Defesa						

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução de Vera Queiroz da costa e Silva. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção de autores africanos; 17).
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 2010.
- CABRAL, A. **Arma da teoria: breve análise da estrutura social da Guiné e de Cabo-Verde**. Ed. Avante. SARL, Portugal. 1984.
- CAMMILLERI, S. **Identidade cultural do povo Balanta**. Trd. Lino Bacari e Maria Fernanda Dâmaso. ed: Fernando Mão de Ferro. Lisboa, novembro de 2010.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado. In.: A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 207 – 234.
- DURKHEIM, Émile, (1858-1917). **As regras do método sociológico** (Tradução Paulo Neves e revisão da tradução Eduardo Brandão), 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção tópicos)
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. (tradução Ana M. Goldberger Coelho). São Paulo: Perspectiva, 2013. (Estudos 53).
- FORTES, Meyer. EVANS-PRITCHARD, E. E. **Sistemas políticos africanos**. Traducción Leif Korsbaek, Alí Ruiz Coronel, Héctor Manuel Díaz Pineda... [et al.]. -- México : Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social : Universidad Autónoma Metropolitana : Universidad Iberoamericana, 2010. p. 456.
- GABRIEL SAI, Isna. **Danças do povo brasa (balanta) da Guiné-Bissau na contemporaneidade: kussunde, kanta po e broska**. 2016. Dissertação (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral da população e habitação 2008**. Bissau, 2009, 92 p. Disponível em: http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf. Acesso em: 5 julhos. 2017.
- MACAMO, E. **Estudos Moçambicanos. A CONSTITUIÇÃO DE UMA SOCIEDADE DE UMA SOCIEDADE DAS SOCIEDADES AFRICANAS**, (2002).
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Textos sobre Educação e Ensino** / Karl Marx e Friedrich Engels. Campinas, SP: Navegando, 2011.
- PRINS, Gwyn. **História oral**. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992. p. 163-198.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta**: usos, costumes e rituais. 2015. Dissertação (bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em: <<http://www.academia.edu>>.

VALENTE, Aldine. Projeto de pesquisa sobre o tema: **Da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na unilab, brasil/ Aldine Valente**. São Francisco do Conde, BA: [s.n.], 2016

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: HISTÓRIA Geral da África: Metodologia e Pré-História da África. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 139-166.

WEBER, Max. **Três tipos puros de poder legítimo**. Três tipos de poder e outros escritos (Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft), Trad. Artur Morão, Lisboa, Ed. Tribuna, 2005.

ZURARA, Gomes Eanes de. Crónica do descobrimento e conquista da Guiné. Portugal, editor: Francisco Lyon de Castro, [S.l.: s.n., 1948?].